

MARIA BÁRBARA LEVY: HISTORIADORA DE EMPRESAS NO BRASIL

ALMIR PITA FREITAS FILHO *
MARGARETH GUIMARÃES MARTINS **

“De tudo ficou um pouco (...)
um pouco: não está nos livros
De tudo ficou um pouco.”
(Carlos Drummond de Andrade)

I. INTRODUÇÃO

Maria Bárbara Levy deixou cinco livros¹, um deles póstumo. Neles estão retratados apenas uma pequena parcela de seu imenso trabalho como historiadora de empresas e formadora de pesquisadores nesta área. Foi, por um lado, no intuito de resgatar seu importante papel no avanço de estudos históricos sobre empresas e, por outro lado, por nossa eterna gratidão à professora, orientadora e amiga que escrevemos esta comunicação.

Olhando retrospectivamente a trajetória de Maria Bárbara, é possível defini-la, sem medo de errar como uma historiadora econômica nata. Nada menos óbvio quando se trata de uma herdeira, várias vezes confessa, de Maria Yedda Linhares e Manoel Maurício de Albuquerque, de quem em geral não acompanhou os temas de estudo, exceto uma breve passagem sob a História Demográfica². Embora de ambos tenha recebido a obstinada utilização do método, a persistência da pesquisa em arquivos, o brilho e entusiasmo no ofício de ensinar e o amor pela História.

Bárbara desde muito jovem teve sua carreira ligada à História Econômica quando, a partir de 1968, recém formada em Bacharel e Licenciatura em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, tornou-se professora daquela disciplina na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Quatro anos depois inaugurava sua participação em instituições ligadas à Economia e Administração de Empresas: primeiro como professora de História Contemporânea da EBAP da Fundação Getúlio Vargas (1974); depois veio o Instituto Brasileiro de Mercados de Capitais - IBMEC, onde foi pesquisadora e professora de História Financeira; e, finalmente como professora de História Econômica da Faculdade de Economia e Administração da UFRJ. Esta disciplina também esteve presente em suas aulas e orientações na Graduação e Pós-Graduação em História da UFF e no Mestrado em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Assim era Bárbara: uma historiadora cercada de economistas e historiadores, cujo o bom humor e simpatia constantes impediam-na de se aborrecer quando alguns profissionais da

História ou da Economia, não tão bem humorados, ora a chamavam pejorativamente de “economista”, ora de “historiadora”. A especialidade em História Econômica logo iria levá-la ao encontro das empresas, cujos principais estudos destacaremos a seguir.

II. OS BANCOS E O MERCADO DE CAPITAIS

Trabalhando no IBMEC, desde 1971, no tempo em que os saudáveis ventos da pluralidade de idéias e temas arejavam aquela instituição, elegeu os bancos como o primeiro tipo empresa para objeto de análise. Num ambiente propício à pesquisa, Bárbara, utilizando a perspectiva da análise comparada, deixou alguns trabalhos monográficos ou em colaboração, tais como, História dos Bancos Comerciais do Brasil: estudo preliminar (IBMEC, 1972); Banco Comercial (IBMEC, 1972); e Bancos de Investimento, Estrutura e Funcionamento (IBMEC, 1974). Já como Coordenadora de Pesquisa de História Financeira da instituição, escreveu Bancos Comerciais no Brasil entre 1900 e 1945 (IBMEC, 1978), como parte integrante do trabalho escrito em colaboração com seus grandes amigos Helio Portocarrero de Castro e Nelson Laks Eizirick; Um Estudo sobre Estrutura e Funcionamento dos Bancos Comerciais no Brasil; O Capital Usurário e o Capital Financeiro (IBMEC, 1977); Crédito Rural 1870/1937, (Seminário sobre História da Agricultura. Rio de Janeiro. EIAP/FGV, 1976), entre outros.

Não obstante, seu trabalho de maior fôlego foi o resultante de sua tese de doutorado, publicado pelo IBMEC em 1975³, que embora tenha os corretores como sujeitos principais, é rico em informações e análises fundamentais para a compreensão das condições nas quais as empresas podiam operar no Brasil, desde o período colonial aos anos 1970 do século passado.

Devido ao ineditismo da abordagem do tema a História da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro exigiu um longo trabalho inicial na descoberta e processamento de fontes até então desconhecidas⁴. Além do desbravamento de novas fontes, hoje colocadas à disposição de outros historiadores de empresa, o estudo dá diversas pistas sobre os mecanismos de financiamento, o papel regulador do sistema financeiro e do Estado, a atuação dos bancos comerciais e estrangeiros, entre outros fatores que atingiam as empresas privadas e mistas, especialmente no que diz respeito ao processo de aperfeiçoamento da organização de Sociedades Anônimas.

O profícuo trabalho desenvolvido, “naquela pequena instituição privada de pesquisa, onde a interdisciplinaridade era uma prática cotidiana” foi brutalmente interrompido, “quando a extrema direita ocupou ao espaço daquela instituição”. Neste momento, ainda nas palavras de Bárbara “a FEA/UFRJ abriu suas portas para mim, apesar de eu ser uma ‘estranha no ninho’”⁵.

III. A FACULDADE DE ECONOMIA E ADMINISTRAÇÃO DA UFRJ

Embora não possamos precisar o momento exato em que o tema do empresariado se tornou objeto de interesse de Maria Bárbara, sem dúvida que, seu ingresso na antiga Faculdade de Economia e Administração da Universidade Federal do Rio de Janeiro - FEA-

UFRJ, em 1979 com professora adjunta, exerceu uma forte influência naquela direção. As ligações tradicionais com profissionais de economia, foram incrementadas, assim como sua participação em congressos de História Econômica no exterior; sua atração por uma abordagem empresarial, vista sob uma perspectiva histórica, ganhou novo impulso.

Em sua nova instituição, Maria Bárbara teve então oportunidade para aprofundar uma linha de pesquisa iniciada em 1971, com sua tese sobre a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, e que prosseguiu no Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (IBMEC). Pode ainda ampliar o leque de suas preocupações intelectuais, ao incorporar novas questões e temas, tais como o desenvolvimento industrial do Brasil e suas diferenças setoriais e regionais; o papel do empresários e suas relações com o poder público no Brasil.

Seu ingresso da FEA/UFRJ coincidiu com um período de renovação que a instituição atravessava, onde se destacava uma reforma curricular; a oxigenação de seu quadro docente, com a entrada de profissionais recém graduados; e a criação de um centro de pesquisa, a nível de pós-graduação, do qual participavam economistas do porte de Maria da Conceição Tavares, Carlos Lessa, Antônio Barros de Castro, Américo Cury, Winston Fritsch, Dorothéia Werneck, e outros. Na ocasião também era estabelecido um intercâmbio com economistas da Universidade Estadual de Campinas, difundindo-se o pensamento crítico de João Manual Cardoso de Melo sobre a industrialização e o capitalismo no Brasil ⁶.

Maria Bárbara adquiriu um sólido conhecimento sobre o funcionamento do sistema financeiro privada, resultante de sua experiência de como coordenadora do Arquivo da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, assim como no IBMEC . Esta passagem pelo circuito financeiro privado demarcou, de forma enriquecedora, o perfil intelectual e profissional de Bárbara Levy enquanto historiadora, fazendo com que se destacasse no novo ambiente acadêmico onde, a maioria de seus pares tinham atuado, ativamente, em alguns dos principais órgãos estatais da fase “desenvolvimentista” da vida econômica e política brasileira.

No início da década de 1980 encontramos, portanto, Maria Bárbara como historiadora convivendo com economistas, num ambiente intelectual fortemente influenciado por um tipo de pensamento que privilegiava a ação intervencionista do Estado como o principal motor do desenvolvimento econômico em países de economia dependente, a exemplo do Brasil. Ao mesmo tempo, em relação ao tema da industrialização do país, se afirmava a idéia de um processo tardio, retardatário, mas capitalista, tendo no entanto a experiência do Estado de São Paulo, considerado paradigmático.

Algumas dessas diretrizes estavam presentes no Currículo do Curso de Graduação em Economia da FEA/UFRJ, cuja ênfase se voltava para o estudo do setor público, de teoria macroeconômica, com uma inclinação para a formação de profissionais que, preferencialmente, atuariam no mercado de trabalho formado pelo setor público, pelos órgãos planejadores e agências financeiras estatais, a exemplo do BNDES, BC, IPEA.

Transitando nesse ambiente, Maria Bárbara procurou agregar as marcas de suas experiências anteriores, ligada aos estudos financeiros e ao setor privado. Tratava-se de uma

tentativa de articular duas linhas de estudos presentes na história da economia brasileira: a dos setores público e privado, vistos não como elementos opostos, mas complementares. Somente agora, após sua morte, nós, que mantínhamos um estreita ligação intelectual, temos condições de refletir e avaliarmos a dimensão de seus questionamentos, preocupações e propostas relacionadas a esses temas. Porém, durante algum tempo seu empenho em investir numa abordagem de história empresarial, com ênfase na realização de estudos “micros”, ou seja, de empresas na mais ampla acepção do termo, permaneceu eclipsada.

Atribuímos à dinâmica institucional, no âmbito da FEA/UFRJ, uma das causas do lento afloramento de uma linha de investigação em história empresarial. Na ocasião, o Instituto de Economia Industrial adquiriu uma maior autonomia em relação ao Departamento de Economia, priorizando, em sua diretriz de pesquisa, temas ligados às políticas públicas, às experiências de crescimento industrial no segundo pós-guerra, à crise do Estado do Bem Estar Social e suas correlações com a experiência recente do Brasil. O resultado foi um maior entrosamento entre economistas e cientistas políticos, numa aliança intelectual onde os historiadores tinham um papel reduzido.

A aliança hegemônica entre economistas e cientistas políticos, no quadro do Instituto de Economia Industrial, redundou num fracionamento intelectual no interior da instituição. Profissionais, identificados com o estudo de temas de microeconomia, economia financeira e matemática, e mesmo filosofia, não encontrando espaço para desenvolverem seu potencial intelectual, se dispersaram, buscando outras instituições de ensino e pesquisa. Esta “diáspora”, paralela à autonomização do Instituto de Economia Industrial, deixou às expensas dos profissionais ligados ao Departamento de Economia, a responsabilidade de levarem a diante os cursos de graduação e, ao mesmo tempo, buscarem um aperfeiçoamento, realizando suas pós-graduações fora do estado do Rio ou do país.

Maria Barbára Levy permaneceu no Departamento de Economia da FEA/UFRJ, na função de Coordenadora de Pesquisa dos professores, recém titulados, e que, portanto, ainda não possuíam suficiente notoriedade para obterem recursos junto aos órgãos de financiamento e fomentos à pesquisa. A historiadora, ao mesmo tempo, encontrou abrigo junto aos Cursos de História, de Graduação e Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense, UFF, e UFRJ, num momento em que se consolidava, no interior dos estudos históricos, a chamada “Nova História”.

Na década de 1980, a trajetória intelectual de Bárbara Levy encontrou-se, portanto, marcada por essas três influências: da História Econômica, relegada a um plano secundário junto aos departamentos de História e de Economia; do convívio com economistas de formação desenvolvimentista e cientistas políticos; e, por, último, de sua experiência de trabalho junto à iniciativa privada na área financeira e bolsista.

Uma importante contribuição de Bárbara Levy para o estudo da História Econômica recente do país foi, sem dúvida, a pesquisa que coordenou, entre 1984-86 na FEA-UFRJ, intitulada *A ação do BNDE no processo de industrialização - visões setoriais: a indústria química; a indústria da construção naval no Brasil*⁷, cujo levantamento fora iniciado ainda

na época em que se encontrava no IBMEC. Neste trabalho, apoiada em ampla documentação do arquivo da instituição, foram examinados os mecanismos de financiamento para algumas ramificações industriais, beneficiados pela ação fomentadora do então Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico desde os anos 50, ressaltando as relações entre os setores público e privado.

Coordenando uma equipe da qual participavam historiadores e economistas, Maria Bárbara procurou sempre, e esse era um traço peculiar de sua personalidade intelectual, abrir espaço e atribuir responsabilidades para que, pesquisadores talentosos pudessem desenvolver seu potencial. Todos que tiveram a oportunidade de partilhar de seu convívio profissional, não se esquecem de suas palavras de incentivo, no sentido de participarem de congressos, conferências, seminários, enfim, de atividades acadêmicas onde fosse possível divulgar os resultados de suas pesquisas, assim como de encaminharem seus projetos para agências financiadoras, públicas e privadas.

Paralelamente, a nível da pós-graduação, a historiadora, atuando contra-corrente da “Nouvelle Histoire”, consolidava um trabalho de orientação de dissertações de mestrado, que demonstrava ser perfeitamente viável a realização de uma História Econômica séria, renovadora e crítica em relação às formas, aparentemente consolidadas, de conhecimento sobre temas de economia brasileira e do Rio de Janeiro, tais como, a indústria, as ferrovias e os empresários. As pesquisas produzidas nessa ocasião, constituem uma importante contribuição no sentido de renovação do conhecimento sobre as origens, dinâmica e características da industrialização brasileira, em particular do Rio de Janeiro, na medida em que buscavam qualificar a especificidade da trajetória econômica, e em especial industrial, do Estado. No resultado final dessas teses e dissertações, muitas das preocupações e dúvidas de Bárbara puderam ser contempladas.

A percepção da insuficiência das explicações sobre as origens da indústria no Brasil, que privilegiavam o processo industrial ocorrido em São Paulo, foi um tema presente nas discussões travadas nas disciplinas ministradas por Bárbara nos cursos de pós-graduação. Seu sólido conhecimento empírico sobre as origens dos capitais, do sistema bancário e das sociedades anônimas surgidas no Rio de Janeiro no decorrer do século XIX, assim como a importância das atividades comerciais ali realizadas, eram fortes indicadores de que, tanto em sua origem quanto na evolução, o setor industrial da cidade foi menos dependente dos capitais provenientes do “complexo cafeeiro”. Por sua vez, a associação linear entre o declínio da cafeicultura na região do Vale do Paraíba e a perda da liderança industrial da cidade do Rio de Janeiro, nas décadas iniciais do século XX, era uma explicação que precisava ser reavaliada, diante da complexidade apresentada pela economia local.

Esse parece ter sido o ponto de confluência das tendências assinaladas anteriormente, ou seja, ao procurar investigar as origens da indústria no Brasil, fugindo ao paradigma paulista, Maria Bárbara considerou outros fatores, tais como o capital comercial, bancário, além do papel dos empresários de outras nacionalidades, e, do mercado interno. No caso do Rio de Janeiro, o desenvolvimento de sua indústria não tinha uma relação linear e direta com o comércio exportador cafeeiro. Isso porque, instalado no centro financeiro do país, o

empresariado do Rio de Janeiro foi diretamente beneficiado com as políticas monetárias, consolidando sua íntima ligação com os círculos financeiros, através da associação com o capital bancário. Por seu turno, a presença do capital estrangeiro viabilizou, desde cedo, uma colaboração mais sistemática, e menos antagônica, com o setor manufatureiro. Em síntese, a existência de um mercado monetário prévio, assim como os investimentos externos diretos, ensejados pelas práticas expansionistas do final do século XIX, se encontrariam na base dos principais investimentos industriais realizados no Rio de Janeiro.

O exame das origens diversas do capital industrial no Rio de Janeiro conduziu a investigadora a outro tema instigante: o da perda da liderança industrial da região em relação a São Paulo nas primeiras décadas deste século. Na identificação das causas dessa perda Maria Bárbara contou com os resultados dos trabalhos de seus orientandos⁸, cujos dados corroboraram para a sustentação da tese que indicava ter sido ela conseqüência da elevação da estrutura dos custos de produção, especialmente no tocante às matérias-primas, transportes, salários e energia elétrica. O encarecimento desse itens teria contribuído para a perda, na concorrência interregional, de mercados por parte da indústria tradicional carioca, fato esse que nem a diversificação estrutural que já caracterizava o setor na década de 1920 pode garantir a manutenção de um ritmo de crescimento capaz de se impor ao realizado pelas indústrias instaladas em São Paulo⁹.

O exame das causas do crescimento mais lento da indústria do Rio de Janeiro abriu uma nova linha de pesquisa coordenada por Maria Bárbara: o estudo sobre a energia elétrica. A primeira manifestação desta tendência investigativa foi a comunicação apresentada no I Seminário Nacional de História e Energia, realizado em São Paulo em outubro de 1986, denominada *As tarifas de energia elétrica no início do século*¹⁰. O conteúdo do artigo girava basicamente em torno das causas da perda do dinamismo da indústria carioca, vis-a-vis à paulista. A autora elegeu a questão tarifária, examinando mais atentamente o papel das tarifas de energia elétrica, e os efeitos da alteração no sistema de cobrança do consumo de energia para a indústria local. Esta alteração foi nefasta para o indústria carioca, que, em conseqüência, teve seus custos operacionais elevados, encarecendo os preços finais de seus produtos que se tornavam menos competitivos nos mercados mais distantes do país.

Tendo constatado a influência da energia elétrica na dinâmica da indústria carioca, Maria Bárbara se empenhou, em seguida, na consecução de um projeto que examinasse o papel da energia elétrica, especialmente seu uso como força motriz, na industrialização brasileira, desde o início do século XX¹¹. O produto final dessa pesquisa, mais um trabalho de equipe coordenado por Bárbara Levy nos anos de 1987 e 88, resultou em três estudos que abordaram, respectivamente, (i) a difusão do uso da energia elétrica como força motriz pela indústria brasileira; (ii) o processo de formulação de políticas de planejamento para o setor elétrico a partir de meados dos anos 1940; e, por fim, (iii) os principais modelos de financiamento adotados tendo em vista a expansão da capacidade instalada, antes e após a criação da Eletrobrás¹².

A pesquisa realizada para o Centro de Memória da Eletricidade, cujo desdobramento, um projeto de estudo das empresas autoprodutoras de energia elétrica, não teve continuidade, reforçou a convicção de Bárbara Levy sobre a importância da abordagem empresarial para a

história econômica do Brasil, mesmo considerando a influência do setor público nos rumos de nossa economia. Logo em seguida, como prolongamento desta postura investigativa, foi iniciada uma nova empreitada: um minucioso estudo sobre a Rio Light, uma importante empresa de serviços públicos, controlada por capitais canadenses e norte americanos, desde sua instalação no Rio de Janeiro, em 1904, até sua compra pelo Governo brasileiro, em 1979

13

Ainda na década de 1980, Bárbara retornou ao seu tema inicial e conduziu uma pesquisa, financiada pelo CNPq sobre o sistema bancário no Brasil, resultando em dois trabalhos. O primeiro deles, apresentado no IX Congresso Internacional de História Econômica, tratou do sistema bancário e do movimento do capital financeiro de 1870 a 1914. Nele são encontradas análises que envolvem o Banco do Brasil, diversos bancos comerciais e estrangeiros, notadamente os ingleses e sua participação no setor de serviços no país e as empresas de seguro ¹⁴. Já o segundo trabalho resultante desta pesquisa aborda a participação dos bancos estrangeiros no Brasil, no mesmo período do anterior. Para tanto, a autora dividiu sua análise em três períodos distintos: o do auge da economia agro-exportadora (1870-1889), quando observa-se um aumento do interesse do mercado de ações europeu pelo mercado latino-americano e o estabelecimento dos primeiros bancos estrangeiros no Brasil; o do período da crise do regime imperial no Brasil, quando os bancos estrangeiros aumentam seu investimento em empresas de serviços públicos e exploração de recursos naturais; e, finalmente, o terceiro período, que vai de 1889 a 1914, quando tais bancos envolvem-se, inicialmente, em um período de especulação cambial, para em seguida participar do processo de expansão do sistema bancário local, quando da recuperação da economia agro-exportadora

15

A consolidação do enfoque empresarial em Maria Bárbara, que abrangeu seus colaboradores, co-autores e orientandos, pode ser observado em quatro pontos: o Seminário sobre História Empresarial realizado em Florianópolis em 1988, que provocou um enorme entusiasmo na autora e o empenho em realizar um outro do mesmo porte no Rio de Janeiro; a criação, em 1990, do Núcleo de Estudos de História de Empresas no âmbito da FEA/UFRJ; o convite feito ao historiador econômico Rondo E. Cameron ¹⁶, da Universidade de Emory, em Atlanta, que, na condição de professor visitante na FEA, proporcionou uma série de encontros quinzenais com os professores ligados ao, recém criado, Núcleo de Estudos de Economia de Empresas NEEE/UFRJ, realizados durante os meses de sua estadia.

O quarto ponto, merece destaque, pois trata-se do último trabalho individual de Maria Bárbara: a tese para o Concurso Público para Professor Titular de História e Desenvolvimento Econômico do Departamento de Economia da FEA/UFRJ ¹⁷. Bárbara foi surpreendida com a notícia do concurso, quando estava na Universidade de Paris, na condição de professora visitante (1988/89), dando cursos de História Econômica do Brasil. Do “exílio” começou redigir a tese exigida pelo concurso, foram meses de muito trabalho e angústia, afinal de sua volta ao Brasil até o exame, restava pouco tempo. Não obstante, com a persistência, obstinação e dedicação que a caracterizavam, especialmente, nos momentos de grandes pressões, conseguiu não só terminar o trabalho a tempo, como produziu uma obra inovadora, no sentido que se propôs e conseguiu fazer a “reconstituição da indústria no Rio de Janeiro,

tomando como veio de análise a associação de capitais, porque através dela fica mais evidente a disposição do empresário de assumir decisões de investimento, nas quais interfere a ação dos instrumentos de política econômica global”¹⁸. Faz isto por meio de uma intensa reflexão sobre o conceito de história empresarial e do processo de industrialização brasileiro, não se furtando das questões polêmicas e assumindo posturas teóricas e metodológicas.

O concurso rendeu-lhe uma felicidade parcial, uma vez que o fato de ser “uma estranha no ninho”, custou-lhe a divisão do título de titular com um colega economista, uma vez que seus diplomas em História pesaram na decisão da Banca Examinadora. Porém, ganhamos todos os interessados em História empresarial, com a publicação póstuma de seu estudo, graças aos esforços de sua amiga, colega e sócia na firma Efemérides Pesquisa e Documentação, Professora Emérita da UFRJ Eulália Maria Lahmeyer Lobo¹⁹.

IV. O CONGRESSO DE HISTÓRIA DE EMPRESAS

Em 1991, portanto, há exatamente dez anos, realizava-se na cidade de Niterói, no Rio de Janeiro, uma conferência, de caráter internacional, até então inédita do país: a Conferência Internacional de História de Empresas. Este empreendimento, que, ainda hoje, por sua dimensão, pode ser considerado uma tarefa ousada, foi concebido, organizado e encaminhado por Maria B. Levy, que também foi responsável por suas primeiras e principais etapas. Coordenando uma equipe heterogênea²⁰, cujo principal elemento de ligação era o carisma e entusiasmo da coordenadora, e sua crença na importância da empreitada para o meio acadêmico e de pesquisa do Brasil. Maria Bárbara, acometida de uma doença que, num curto espaço de tempo, nos privou de seu convívio, não pode estar a frente das etapas finais, de realização do evento e publicação dos Anais.

Tendo recebido de suas mãos a tarefa de concluir este projeto, que nos parecia essencialmente pessoal, procuramos, no que nos parecia uma inversão total das expectativas, nos municiarmos do entusiasmo que, dos raros encontros que tivemos desde aquele momento, nos eram comunicados através do olhar e da resignação de alguém que era conhecedor da gravidade de seu estado de saúde.

O Congresso se realizou, com seus acertos e erros, tendo se tornado um marco na vida acadêmica do país, particularmente por seu caráter específico, mas que reuniu um número expressivo de pesquisadores de projeção internacional, envolvidos com o tema da história empresarial. Uma amostra do que foi o evento encontra-se registrada nos Anais da Conferência, uma vez que, inúmeros problemas, não permitiram a publicação de todas as comunicações realizadas na ocasião. Existe ainda, no Núcleo de Áudio Visual (NUCA) do Instituto de Economia da UFRJ, registros em vídeo da Palestra inaugural, das Conferências e das Comunicações Coordenadas. Este material, juntamente com a documentação, reunindo principalmente da correspondência enviada aos convidados ainda na fase preparatória do Congresso, constituem as principais fontes de sua memória.

O exame retrospectivo deste material nos permite avaliar as dimensões e importância do evento e, nesse sentido, considerá-lo um marco, na medida em que: a) reuniu e divulgou

um número representativo de estudos de história empresarial oriundos dos principais centros de pesquisa do país; b) procurou fortalecer esta linha de pesquisa no Brasil, aproximando e integrando nosso meio acadêmico do “mainstream”, temático, metodológico e conceitual da Business History Internacional.

A capacidade de estabelecer contatos e criar oportunidades para divulgação da produção acadêmica, própria ou coletiva, tanto a nível nacional quanto internacional, era um traço permanente, que singularizava o perfil acadêmico de Maria Bárbara. Esse traço fica mais evidente com o passar dos anos, especialmente na medida em que contrasta com o individualismo exacerbado e a fragmentação do conhecimento, um dos traços da “condição pós-moderna”²¹ que tomou conta, inclusive, do ambiente acadêmico nacional.

Maria Bárbara considerava que a afirmação dos estudos empresariais no Brasil dependia também do estabelecimento de um contato, mais estreito e regular, de um intercâmbio, teórico e metodológico, com os centros internacionais, que já possuíam uma tradição de pesquisa sobre o tema. O convite formulado a Alfred D. Chandler, para realizar a conferência inaugural, assim como ao diretor do Centro de Estudos Empresariais da Universidade de Tóquio, além de pesquisadores de renome, a exemplo de Geoffrey Jones (da London School of Economics), Hans Pool (da Universidade de Boon, Alemanha), F. Jêquier (da Universidade de Lausanne), Jaime Reis (Universidade Nova de Lisboa), evidenciam o empenho de Bárbara Levy em colocar a produção nacional em contato com os nomes internacionais mais representativos das tendências da Business History²².

Ao revermos o programa da Conferência ou o índice dos Anais da Conferência, nos chama atenção a amplitude temática ali presente. Na concepção de Maria Bárbara deveriam estar representados os diferentes setores da vida econômica, que, de alguma forma, tivessem sido examinados sob a ótica dos negócios e da empresa ou do empresariado. As dificuldades, de ordem conceitual e teórico-metodológica, já prenunciadas neste campo de pesquisa no Brasil, indicavam que o caminho mais adequado oscilava entre a busca da totalidade, influência da historiografia francesa, e a generalização, norte-americana e inglesa, sobretudo pelo uso do método comparativo. Os estudos, setoriais ou regionais, de empresas, públicas e privadas, ou de empresários, assim como suas estratégias de crescimento, as relações com os poderes públicos, com o mundo do trabalho e as formas de organização e inserção na quadro sócio político e insitucional eram passível de ser abordados sob a ótica da história empresarial. Um pouco de toda isso esta presente na Primeira Conferência.

A Conferência teve, originalmente, a pretensão de abrigar toda esta complexidade. O setor bancário foi um dos que mais se destacou, refletindo, sem dúvida a formação e a longa experiência de Maria Bárbara com o estudo das instituições financeiras. Neste módulo foi marcante a participação de pesquisadores estrangeiros, dentre os quais o eminente historiador econômico Roberto Cortês Conde, cujo exposição tratou do papel dos bancos estrangeiros no início da organização bancária argentina. Destacaram-se ainda as contribuições, publicada nos Anais da Conferência, dos professores Jaime Reis, que apresentou um panorama do setor bancário português, entre 1850 a 1913; Pablo Martín Aceña, da Universidade de Alcalá, que tratava do sistema financeiro espanhol de 1844 a 1935; e Carlos Marichal, do Colégio do México, sobre a experiência bancária latino americana no final do século XIX. A

representação nacional ficou a cargo de Ary Minella da USC, que examinou as formas de organização e representação do empresariado financeiro no Brasil, a partir da década de 1960; e o estudo de Ana Maria R. de Andrade, discípula e colaborado de Bárbara Levy, sobre as primeiras casas bancárias que operavam na cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX²³.

Foi porém os estudos sobre as empresas dos setores produtivos e comerciais que formaram a maior parte das comunicações apresentadas no evento. Eram história de empresas industriais e agrícolas; de capital público ou privado; de organização familiar ou em sociedade anônimas; estrangeiras ou nacionais; as origens do empresariado nacional; suas práticas discursivas; assim como suas relações com o meio ambiente, social, político e institucional, compunham o leque temático das contribuições apresentadas sobre as empresas.

Neste módulo destacamos a importante contribuição, teórica, metodológica e temática, de Françoise Jéquier, sobre segmento industrial suíço de fabricação de relógios e o papel das empresas familiares no crescimento econômico. O historiador Warren Dean, por seu turno, abordou o tema das relações entre empresas e meio ambiente, a partir da história de uma grande empresa de utilidade pública na cidade de Nova York, a Consolidated Edson Company (ConEd) as voltas com os problemas de suprimento de energia e controvérsias ambientais.

Esta pequena amostra do que foi apresentado na Conferência nos permite vislumbrar a amplitude e riqueza temática da História Empresarial, assim como a percepção de Bárbara Levy para as possibilidades de desenvolvimento desse campo de pesquisa em nosso país.

Uma terceira característica da Conferência era sua tentativa de aproximar o mundo acadêmico do empresarial. Seguindo o exemplo do 1.º Simpósio Catarinense de História e Documentação Empresarial, realizado em Florianópolis de 23 a 26 de maio de 1988, Maria Bárbara também reservou um espaço para a apresentação de depoimentos de experiências de empresários.

Nos dias atuais, quando a história empresarial claudica diante da falta de recursos e das dificuldades de acesso aos arquivos privados das empresas, é possível entender o significado dessa estratégia, de estabelecer um diálogo entre empresários e historiadores de empresa, tendo como alvo a realização de futuras parcerias.

Deste segmento, foram esclarecedores os depoimentos dos diretores da Sul América de Seguros, Edgar Mario Berger, e da Golden Cross, Felice M. Fogliette acerca do caráter familiar de empresas brasileiras. A preocupação com a preservação do acervo documental, levando algumas empresas a recorrerem à consultoria de técnicos, constituiu outro importante painel, a partir das experiências do INPI e das empresas IBM do Brasil, Figueredo Ferraz, Souza Cruz e Klabin. O depoimento da Minerações Brasileira Reunidas - MBR - abordou as estratégias de preservação ambiental desenvolvidas por aquela empresa de exploração de minério no estado de Minas Gerais.

V. EPÍLOGO

Do exposto, algumas considerações gerais podem ser extraídas. Acreditamos não ser exagero afirmarmos que, as expectativas de Maria Bárbara dos resultados e desdobramentos do evento não se concretizaram. Isto porque, a idéia da criação de uma forte linha de pesquisa e de uma associação que congregasse pesquisadores na chamada Business History, não foi levada adiante. A tarefa iniciada por M. Bárbara há cerca de 10 anos ainda não foi concluída.

A História Empresarial não adquiriu, no Brasil, até o presente, a autonomia que desfruta nos principais centros internacionais de pesquisa, dispondo, inclusive, de publicações próprias. Entre nós, a Business History, permanece como um apêndice, uma especialização de uma História Econômica, que, desde a década de 1980, atravessa uma profunda crise de identidade. Entre nós ainda não foi assimilada a concepção de Empresa, vista como uma organização institucional complexa, dotada de atributos próprios, bens e valores materiais, profissionais e humanos, passíveis de serem abordados sob uma perspectiva histórica. Para tanto é necessário se dispor de métodos, de teorias, o que exige uma aproximação com a Economia e outras Ciências Sociais, assim como um estreitamento dos laços com centros onde tais estudos se encontram em fase mais avançada. O uso do método comparativo, assim como uma maior divulgação e estudo dos pioneiros neste campo de pesquisa, a exemplo dos trabalhos de Alfred D. Chandler e seus seguidores, que, inexplicavelmente, têm sido pouco divulgados entre nós. Tais procedimentos, com certeza, facilitarão na busca de respostas para explicar, por exemplo, porque algumas empresas se tornam centenárias e outras não, mesmo em países como o Brasil, de economia dependente e retardatário em termos industriais.

Justifica-se, portanto, diante desse quadro, nossa tarefa de resgatar uma parte da trajetória intelectual de Maria Bárbara Levy, uma historiadora talentosa, que se empenhou, de diversas formas, em desenvolver a História Empresarial nos meios acadêmicos do país.

NOTAS:

* Professor Adjunto do Instituto de Economia da UFRJ e Doutor em História Econômica

** Doutora em História Econômica e Empresária

¹ LEVY, Maria Bárbara. História da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBMEC, 1977; Idem. História Financeira do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IBMEC, 1979; Idem. *O Encilhamento, Economia Brasileira: Uma Visão Histórica*. Rio de Janeiro: Campus, 1980; LEVY, M. B. et al. (Org.) . Manoel Maurício de Albuquerque: Mestre-escola Bem-amado, Historiador Maldito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1987; LEVY, M. B.. A Indústria do Rio de Janeiro Através de Suas Sociedades Anônimas (Esboços de história empresarial). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 1994.

² LEVY, M. B. Demografia Histórica no Rio de Janeiro: 1808/1872. São Paulo: Departamento de História/ USP, 1970. Dissertação de Mestrado; Idem. *Quelques Aspects Concernant la Démographie Historique du Rio de Janeiro au XIXème Siecle*. Paris: CNRS, 1971; LINHARES, Maria Yedda e LEVY, M. B. *Problemas do Método em História Demográfica*. II Colóquio de Metodologia Histórica do Brasil. Campinas, 1972. Mimeo.

³ LEVY, M. B. Histoire de la Bourse de Valeurs de Rio de Janeiro. Paris: Universidade Paris X - Nanterre, 1975. Tese de doutorado; Idem. História da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro . Op. cit.

-
- ⁴ LEVY, M. B. *Arrolamento das Fontes Primárias do Arquivo da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro*. In Anais do 7º Simpósio da ANPHU. Belo Horizonte: ANPUH, 1974.
- ⁵ LEVY, M. B. A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas. Op. Cit. P. 4.
- ⁶ MELLO, João Manuel Cardoso de. O Capitalismo Tardio. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ⁷ LEVY, Maria Bárbara (coord.). A ação do BNDE no processo de industrialização - visões setoriais: a indústria química. Relatório de Pesquisa. FEA/UFRJ/FINEP, 1984; Idem. Idem; a indústria de construção naval. Rio de Janeiro, FEA/UFRJ/FINEP, 1986.
- ⁸ Entre seus orientados estão, entre outros, MARTINS, Margareth Guimarães. Caminho da Agonia: a Estrada de Ferro Central do Brasil – 1908-1934. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1985. Dissertação de Mestrado; FREITAS FILHO, Almir Pita. A Industrialização do Rio de Janeiro – 1930-1945. Niterói: ICHS/UFF, 1986. Dissertação de Mestrado; GUARITA, Marco Antônio R. A Indústria na Cidade do Rio de Janeiro no Início do Século XX. Rio de Janeiro: IEI/UFRJ, 1986. Dissertação de Mestrado; ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de. 1864: Conflito entre Metalistas e Pluralistas. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1987. Dissertação de Mestrado; LEAL, Maria da Glória Faria. A Construção do Espaço Urbano Carioca no Estado Novo: A Indústria da Construção Civil. Niterói: ICHS/UFF, 1988. Dissertação de Mestrado; etc.
- ⁹ LEVY, M. B. A indústria do Rio de Janeiro...Op. cit., pp. 195-213.
- ¹⁰ LEVY, M. B. *As tarifas de energia elétrica na composição dos custos industriais na cidade do Rio de Janeiro no início do século*. Anais do 1.º Seminário Nacional de História e Energia. São Paulo: Eletropaulo, 1987, pp. 27-40
- ¹¹ Na ocasião, o tema da energia elétrica estava altamente cotado, sendo estudado em alguns centros internacionais de pesquisa, a exemplo da França, onde fora criada uma atuante Associação para a História da Eletricidade na França, que mantinha uma linha de publicações (Boletim de história da eletricidade) e promovia colóquios sobre o tema de projeção internacional.
- ¹² LEVY, M. B. e alii. *A energia elétrica na industrialização brasileira*. Relatório de Pesquisa. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade, 1988.
- ¹³ LEVY, Maria Bárbara e LOBO, Eulália M. L. (Coords.). História institucional da Rio Light (1904-1979). Rio de Janeiro: 1990, Dat.,
- ¹⁴ LEVY, M. B. *Banking System and Financial Capital in Brazil (1870-1914)*. In CAMERON, Rondo & BAVIKIN, Valeri. Project on International Banking and Industrial Finance – 1870/1914. Berna: International Economic History Association, 1986.
- ¹⁵ LEVE, Maria Bárbara (com colaboração de Margareth Guimarães Martins). La Actuación de los Bancos Etranjeros en el Brasil – 1870-1914. VI Jornada de Historia Económica. Tandil (ARG): Universida Nacional del centro de la Provincia de Buenos Aires, 1985. Mimeo.
- ¹⁶ Historiador econômico da Universidade de Emory, Atlanta, estado da Geória nos EUA, especialista em história bancária, e autor, dentre outros, de um útil manual, intitulado: A Concise economic history of th world. From Paleolitic times do the present. New York: Oxford University Press, 1989.

-
- ¹⁷ LEVY, Maria Bárbara. A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas. Esboços de história empresarial. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ; Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 1994.
- ¹⁸ Idem, idem, p. 279.
- ¹⁹ Eulália Maria Lahmeyer Lobo foi também autora da comunicação “Maria Bárbara Levy - Seu Papel na Historiografia Econômica Brasileira”. In V Congresso Latino-americano de História das Ciências e da Tecnologia. Resumos. Rio de Janeiro: SLAHCT, 1988. Pp. 146-148. Este trabalho foi, posteriormente, publicado na Revista História econômica & história de empresas, II(2), 1999, pp. 63-82 da ABPHE.
- ²⁰ Da equipe participavam professores, pesquisadores, funcionários técnicos e administrativos das principais instituições de ensino e pesquisa do Rio de Janeiro (UFRJ, UFF, PUC), além de colaboradores externos.
- ²¹ HARVEY, David. A condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1993, pp. 45-67. KUMAR, K. Da sociedade industrial à pós-moderna.. Novas teorias sobre o mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997, pp. 112-158.
- ²² Parte da correspondência enviada por Maria Bárbara na fase preparatória da Conferência, foi resgatada e encontra-se arquivada no Núcleo de Estudos de Economia de Empresas.
- ²³ Freitas Filho, A P. e MARTINS, Margareth G. (orgs.). Conferência Internacional de História de Empresas. Anais. Rio de Janeiro: Gráfica da UFRJ, s/d.